

**Bernado, João.** Capital, gestores, sindicato. São Paulo, Vértice, 1987.

João Bernardo nasceu em Portugal, em 1946, e de 1963 a 1968 dedicou-se ativamente ao movimento estudantil, o que lhe valeu várias prisões sob a ditadura de Salazar e a expulsão, por oito anos, do sistema universitário português. Esteve exilado na França de 1968 a 1974.

Primeiro foi militante do Partido Comunista Português (1964 a 1966), depois passou a militar em organizações de tendência maoísta (de 1966 a 1973). Desde então tem seguido uma orientação *libertária*. Colaborou durante o período da "Revolução dos Cravos" no jornal *O Combate*, do qual foi fundador.

Tem publicado artigos em vários periódicos de diversos países. Em Portugal, pela Editora Afrontamento, publicou: *Para uma teoria do modo de produção comunista* (1975), *Marx crítico de Marx* (3 vols; 1977), *O inimigo oculto* (1979). No Brasil publicou *Gestores, Estado e Capitalismo de Estado* in *Ensaio* n. 14, jul. 1985, e *O proletariado como produtor e como produto* in *Revista de Economia Política*, Vol. 5(3), jul./set. 1985. Colaborou no livro organizado por Lúcia Bruno e Cleusa Saccardo, *Organização, trabalho e tecnologia*, Atlas, 1986.

Atualmente, a Editora Vértice edita o texto por ele produzido, acima mencionado. Mostra o Autor como a fragmentação da classe operária por empresas ou por categorias profissionais é estimulada pelas formas de remuneração negociada de muitos contratos de trabalho, onde os trabalhadores aceitam cortes salariais ou um bloqueio no aumento do salário a ser percebido, em troca da aquisição de ações e participação dos seus "dirigentes judiciais"

nos conselhos de administração das empresas.

Na Alemanha Ocidental, mostra como o Bank für Gemeinwirtschaft AG (BFG) foi criado na década de 1950 pela fusão de seis bancos regionais detidos pelos sindicatos. Desde 1920 as organizações sindicais alemãs fundam bancos próprios. O BFG é o único banco boicotado pelos árabes, pelas relações que mantém com o banco Hapoalim, da *Hístadruth* (Central Sindical de Israel).

Em Israel, 1/4 dos trabalhadores sindicalizados têm como *patrão* os próprios sindicatos. Nos Estados Unidos o sindicato United Mine Workers of America (UNMWA), fundado em 1890, no final da década de 1960 tinha 450.000 filiados e é *proprietário* do National Bank of Washington. As grandes empresas facilitam o acesso da diretoria dos sindicatos a informações confidenciais, a consulta à sua contabilidade. A Chrysler, a GM, a Pan-American incluem representantes da diretoria do sindicato de trabalhadores em seus conselhos de administração, efetuam a aquisição de ações; em troca, os "dirigentes sindicais" limitam as reivindicações de seus "representados". Eles impõem aos trabalhadores a aceitação de *cortes salariais*. Há uma redução salarial e a ascensão dos "dirigentes sindicais" à administração da empresa.

A subordinação do sindicato à empresa alcança sua forma mais "perfeita", segundo o Autor, quando a empresa é propriedade do sindicato. O capital é basicamente uma *relação social*, conclui o Autor; "ela resulta do fato dos trabalhadores serem mantidos como proletariado a conferir ao dinheiro possuído pelos aparelhos sindicais a qualidade de capital" (p. 53).

Na segunda parte do livro, intitulada *Gestores: desenvolvimento histórico e unificação de uma classe*, mostra o Autor como, através do "nacional bolchevismo", o Comintern aproxima-se da Alemanha, assina o Tratado de Rapallo, que constituiu uma aliança entre o leninismo e a indústria pesada alemã. Foi no X Congresso do

PC, em 1934, que Stalin afirmou que "apenas a orientação antieslava dos alemães levantava obstáculos à aproximação com a URSS, e não o caráter fascista do Estado alemão, pois ele sublinhava as boas relações com o fascismo italiano" (p. 75).

Aponta Bernardo a semelhança entre os fascismos, o leninismo-stalinismo e o New Deal, processos que promoviam os administradores a organizadores da mão-de-obra, portanto, a agentes do capital. Mostra o Autor como o processo de descolonização alicerçado no "Terceiro mundismo" proclama a prioridade da "Nação" sobre a "Classe", bandeira dos novos burocratas exploradores do trabalho.

Maurício Tragtenberg  
Professor titular no Departamento  
de Fundamentos Sociais e  
Jurídicos da Administração da  
EAESP/FGV.